

Ele - Ó que tens, minha filha? Andas tristonha, não sorris, já não brincas mais comigo e o teu olhar outr'óra tão amigo vaga indeciso, assim como quem sonha à plena luz do sol, de olhos abertos; É vago o teu andar, teus gestos são incertos... vamos... dize o que tens. De ha muito que te venho observando e sinto que tu andas me ocultando o motivo que te traz preocupada.

Ela - Não é nada, Papai. Não tenho nada.

Ele - Não mintas, Suzaninha. É tão feio mentir! Não queiras, minha filha, teu Paesinho iludir. Eu que te vi nascer, e, entre beijos e abraços, como Pai carinhoso norteiei os teus passos, acompanhando sempre de alma embevecida o teu desenvolver, eu que abri pra tu'alma as janelas da vida, sei que hoje alguma coisa te faz entristecer. Diz o que é. (pausa) Vamos, responde. (pausa) A tristeza é maior quando a gente a esconde. Eu sou tão teu amigo... Eu sou tão camarada... Anda... dize o que tens...

Ela - Papai... não tenho nada...

Ele - Que pena, minha filha, não queres dizer!... Si contasses ao Papai o que te faz sofrer, o que te preocupa, o que te traz tristonha, mesmo que coisa alguma eu pudesse fazer para que te voltasse aquela paz risonha que só do proprio coração depende, melhoraria muito o teu sofrer. Acredita em teu Pai, minha querida: a nossa dor é sempre diminuída quando contada a alguém que a saiba compreender. (Pausa) Então?... Não tens coragem?

Ela - Não é nada, Papai. É uma bobagem... não vale a pena se preocupar.

Ele - Não tens confiança em mim. É só por isto que te obstinas em silenciar.

Ela - Juro que não, Papai, por Jesus Cristo! Não é por isto, não, póde estar certo. Sei que o seu coração stá sempre aberto e sempre pronto a conceder perdão.

Ele - Pois si assim é porque não fala, então? Não vê que o seu silencio me magôa? Você que sempre foi uma filha tão boa quer me fazer agora ficar triste?

Ela - Bem, Papai, uma vez que tanto insiste... eu vou falar.

Ele - Óra graças a Deus!... Até que enfim voltas de novo a confiar em mim!... Quem sabe si eu não pôsso te ajudar?

Ela - Não póde, não, Papai, infelizmente! E este mal que em meu peito fez abrigo hoje creio que foi o meu castigo por lhe ter sido desobediente.

Ele - Não entendo, filhinha. Como assim?

Ela - Tem paciencia e ouve até o fim.

Ele - Pódes falar.

Ela - (após uma pausa) Lembra-te aquela noite em que cheguei ao teu quarto e pedi-te com carinho que me deixasses ir com o Antoninho e a Marília a uma festa à fantasia?

Ele - Lembro-me, sim.

Ela - Tu me disseste "não".

Ele - Bem sabes que detesto os mascarados. Em geral sob as mascaras mais belas ocultam-se crueis degenerados.

Ela - Eu sei, Papai, e hoje te dou razão. No momento aceitei tua recusa sem fazer a menor objeção, mas depois, quando vi chegar Marília, tão alegre e disposta, tão coquete, a sorrir, a correr, e a voltear numa bela e luxuosa Pierrete de veludo de seda verde mar, tive um desejo imenso de ir também. Sempre te quize, Papai, um grande bem, mas não sei... era tanto o meu desejo que naquele momento eu te esqueci. Puz uma fantasia de havaiana e, apesar dos carões da titia Mariana, pela primeira vez de desobedeci.

Ele - Tu foste áquele baile?!... E foste de havaiana?!...

Ela - Com corpete de jersey côr de havana, uma saia de ráfia e os cabelos ao vento. Corri, dansei, pulei, até que num momento as pernas fraquejaram e fui para o jardim. Neste instante, Papai...

Ele - (interrompendo-a) Surgiu um arlequim que era a propria volupia, que era o proprio desejo, que numa ancia febril, que numa sêde louca apertou contra a sua a tua linda boca e maculou-a então com coluptuoso beijo!...

Ela - (admirada) Como sabes, Papai?!...

Ele - (embaraçado) Como sei?... É facil deduzir. E depois... a seguir...

Ela - Fugi para o salão muito assustada sem tornar a revê-lo. Mas aquele beijo deixou minh'alma envenenada (com amargura) e eu não pôsso esquecê-lo!... Ha momentos que tenho uma saudade daquela sensação que então senti que pergunto anim mesma, desolada, porque foi que fugi. Ah papai! Papaizinho!... Aquele beijo si no momento trouxe-me ressaços, quantas vezes, depois, trouxe o desejo de sentir novamente aqueles labios!...

Ele - Cala-te, por favor! Não fales desse jeito! É falta de pudor, é falta de respeito. Não posso admitir...

Ela - Perdôa-me, Papai. Eu não queria... mas tu foste insistir...

Ele - Vai-te. Deixa-me só. Vou trabalhar. Tenho um serviço aqui bastante urgente. Tua alucinação ha de passar e has de voltar à calma novamente. Deixa-me só. Quero estar só comigo. Vai com tua saudade que é o castigo de teres sido desobediente.

Ela - Até amanhã. Desculpa-me. Eu bem que presentia
que esta falta o papai não me perdoaria.

(Passos que se afastam lenta e pesadamente).

Ele - (Após uma pausa)

Oh Deus!... Deus e Pai Onipotente!...
Abre os teus braços para meu abrigo!...
Eu que sempre te quize, meu Pai clemente!...
Porque me destinaste um tal castigo?!...
Minh'alma do pecado hoje é cativa!
Estende sobre mim teu manto régio!
Queima-me os lábios, como braza viva,
o travo amargo deste sacrilégio!...
Vê, meu Deus, o pavor de que me inundo,
a estrada horrível que minh'alma trilha!
Entre tantas mulheres que há no mundo
porque jogaste aos meus braços minha filha?!...
Tem piedade, Senhor, desta agonia!
Desta tortura que meu peito invade!
Faz com que volte a minha Paz um dia,
por piedade, Senhor! Por piedade!...

EC/LF.